

Os encadeamentos dialógicos de *outros*: Um olhar sobre a constituição dos doze apóstolos

José Luciano Marculino Leal
Terezinha de Jesus Gomes do Nascimento

Resumo: O presente artigo tem como viés norteador compreender, no texto bíblico, a constituição social dos doze apóstolos a partir da relação dialógica com o *outro*. Para tanto, do ponto de vista metodológico, a partir do olhar para as relações dialógicas presentes em fragmentos dos textos bíblicos sinóticos, Mateus, Lucas e Marcos, que acentuam a construção do apostolado, esse trabalho consiste em realizar um estudo que se inclina, sobretudo, na percepção de como os doze apóstolos são constituídos pelo *outro* por meio de dois ângulos: por Jesus – autorizado socialmente por Deus – e pelo auditório social – as multidões que legitimavam tal constituição. Do ponto de vista teórico, nos ancoramos nas contribuições bakhtinianas sobre o ato responsável. No que se refere aos resultados, destacamos que à cena da constituição dos doze apóstolos situa-se como uma narrativa discursiva fecunda em recorrências dialógicas, o que nos permitir afirmar que a construção enunciativa mobilizada neste episódio bíblico está, dialógico-discursivamente, imbricada com os *encadeamentos enunciativos dos outros* – Jesus (autorizado, socialmente por Deus) e as multidões.

Palavras-chave: Ato responsável. Relações dialógicas. Constituição dos apóstolos bíblicos.

José Luciano Marculino Leal é doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Terezinha de Jesus Gomes do Nascimento é doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

The dialogic threads of others: An insight into the constitution of the twelve apostles

Abstract: The current article purposes to comprehend, in the biblical text, the social constitution of the twelve apostles from the dialogical relationship with *the other*. For this, the methodological point of view, from a dialogical point of view presented in biblical synoptic text fragments, Matthew, Luke and Mark, which emphasize the construction of the apostolate, which does a work in carrying out a study which tends, especially, to the perception of how the twelve apostles are constituted by the other from the medium of two angles: by Jesus - socially authorized by God - and by the social audience – the crowds that legitimized such that constitution. From the theoretical point of view, we anchored on the Bakhtinian bases on the responsible act. Regarding the results, it should be noted that the fixation of the twelve apostles is situated as a narrative discursive fruitful in dialogical recurrences, which allows us to affirm that an enunciative construction mobilized in this biblical episode is, dialogically-discursively, imbricated with the enunciative filaments of others - Jesus (authorized, socially by God) and the crowds.

Keywords: Responsible act. Dialogical relations. The biblical apostle constitution.

Introdução

A concepção de sujeito, encontrada nas obras de Bakhtin, apresenta não apenas o ser social, formado das relações dialógicas vividas em sociedade, mas, também, o ser com toda sua singularidade e unicidade, sempre em relação ao *outro*, contrapondo ao ser universal. Em outras palavras, cada ser humano é considerado um centro axiológico de valores que age sempre em relação ao *outro*, constituindo-o e sendo constituído por ele.

Assim, se debruçar acerca da linguagem, sob a perspectiva do pensamento de Bakhtin, conseqüentemente da Análise Dialógica do Discurso, significa debruçar-se sobre um terreno de intensa densi-

dade dialógica e ideológica, sócio-historicamente materializada na construção do enunciado.

Nessa ótica, esse artigo objetiva compreender a constituição dos doze apóstolos, isto é, como eles foram habilitados a exercerem, socialmente, esse papel religioso. Para tanto, do ponto de vista metodológico, a partir do olhar para as relações dialógicas presentes em fragmentos do texto bíblico¹ que acentuam a construção do apostolado, sob o ângulo axiológico dos autores sinóticos² Mateus (Mt), Lucas (Lc) e Marcos (Mc), o trabalho consiste em realizar um estudo que se inclina sobre as relações dialógicas identificadas na construção dessas passagens, sobretudo, como os doze apóstolos são constituídos pelo *outro* por meio de dois ângulos: por Jesus – autorizado socialmente por Deus – e pelo auditório social – as multidões que legitimavam tal constituição.

Vale destacarmos que, embora Bakhtin³ não tenha se debruçado, especificamente, em estudos sobre o texto bíblico, “podemos inferir que os textos do Novo Testamento faziam parte da reflexão teórica de Bakhtin, sobretudo, no que toca aos gêneros romanescos” (LEITE, 2017, p. 23).

1. Destacamos que a versão bíblica mobilizada como *corpus* analítico neste estudo trata-se da *Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional (NVI)*, publicada, em 2012, pela Editora Vida Nova.

2. Alumiados por Stott (2011), os textos de Mateus, Lucas e Marcos são considerados evangelhos sinóticos (expressão grega – *synoptic* – que denota o sentido de “junto com”, “ver em conjunto”) por narrarem, embora que não cronologicamente, os registros dos eventos da vivência – fatos e declarações – de Jesus, sobretudo, Seu Ministério, de forma integrada, apenas com alguns detalhes peculiares, mas de forma, substancialmente semelhante.

3. Com base em Leite (2017, p. 16), “Bakhtin fora envolvido com círculos religiosos radicais no período em que era universitário”, além de participar “das sociedades filosófico-religiosas, como a Sociedade Filosófica Religiosa de São Petersburgo, a Volfila” e de lecionar cursos pastorais na Irmandade de São Serafim, chegando, até, a ser exilado, devido sua postura de cristão declarado. Contudo, apesar de religioso por convicção, devido à pressão do governo monoculturalista imposta por Stalin, Bakhtin não se dedicou, especificamente, à reflexão sobre as tonalidades dialógicas do discurso bíblico.

Nesse fito, apresentaremos, em linhas gerais, as contribuições da obra *Para uma filosofia do Ato Responsável* em que Bakhtin busca construir a criação de uma filosofia moral por meio de um novo olhar para a constituição do sujeito, onde *o outro* passa a ser o centro de valor axiológico da singularidade do ato no mundo concreto. Assim, ao colocar *o outro* como centro das discussões, concerne a Bakhtin um valor contributivo para os estudos da linguagem.

Nessa linha de pensamento, nossos atos *responsáveis* e *responsivos* nos tornam únicos, singulares em relação *ao outro*, inseridos em contextos históricos e sociais específicos. Essa responsabilidade pessoal se evidencia nas relações dialógicas de cada ser humano em sua singularidade, com suas virtudes e fraquezas, assumidas no contexto real do existir-evento. Portanto, em cada ato há uma identidade humana, uma assinatura, sem a possibilidade de haver álibi, como poderemos perceber no evento da constituição dos doze apóstolos.

Dessa forma, esse estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa de base interpretativista e caráter descritivo/explanatório (DENZIN; LINCOLN, 2006), apresentando como *corpus* de análise fragmentos do discurso bíblico dos evangelhos sinóticos (BÍBLIA SAGRADA, 2012) e tendo como objeto de estudo as relações dialógicas compreendidas pela produção da narrativa desse texto.

I As contribuições de Para uma filosofia do Ato Responsável

Em consonância com os estudos de Amorin (2009), a obra *Para uma filosofia do Ato Responsável* (doravante, PFA) escrito⁴ por Bakhtin em meados dos anos de 1920 e 1924, logo depois de seu primeiro texto publicado, *Arte e responsabilidade* (1919), possui como norte a realização de um projeto de criação de uma filosofia moral que (re)consideraria as diversas linhas de pensamentos filosóficas vigentes. Nas palavras de Bakhtin (2010, p. 114 [grifos nossos]), “o mundo no qual *o ato* se orienta fundado na sua participação singular no *existir*: este é o objeto da filosofia moral”.

Desse modo, PFA lança mão, sobretudo, sob o pensamento acerca da constituição do ser no que diz respeito ao conceito da universalidade do sujeito proposto por Kant, desde a ontologia até a epistemologia, propondo concepções éticas, em uma perspectiva global, que conferiria ao conjunto uma unidade de princípios própria de uma *prima philosophia*⁵.

Por conseguinte, essa obra acentua a proposta de Bakhtin de criar um projeto dialógico entre a filosofia e a vida – por meio da contribuição de vários filósofos – que compreende o homem em socieda-

4. Vale ressaltarmos que, segundo vários pesquisadores como Clark e Holquist (2008), a obra em destaque permaneceu como manuscrito inacabado e sem título até ser publicado postumamente na Rússia em 1986, sob o título *K filosofii postupka*, com introdução de Sergei Bocharov. Ainda destacamos que estes manuscritos foram escondidos em Saransk, devido às perseguições políticas que Bakhtin sofreu no início do século XX. Assim, o texto possui a lacuna das oito primeiras páginas de sua introdução, bem como inúmeros enunciados e trechos que não foram possíveis de serem decifrados.

5. De acordo com Fiorin (2016), o projeto sociológico da *prima filosofia* estava voltado para o unicidade do ser e do evento, levando em consideração as relações dialógicas do mundo da vida e da arte, bem como conteúdo e forma, para além de conceber a língua como unidade dialógica dos enunciados concretos – as unidades reais da comunicação.

de e busca estabelecer um método sociológico que romperia com o pensamento dualista entre o mundo da vida e o mundo da cultura, para além de discutir questões envoltas aos atributos da constituição do *ser dialógico*, da *singularidade* e do *ato responsável*, de modo a revolucionar o pensamento filosófico ocidental.

No que se refere à noção de constituição do sujeito, durante o contexto da produção de PFA, ela era concebida como individualizada (filosofia monolítica) – *o eu* me constituindo a mim mesmo –, ou seja, “penso logo existo”, compreensão proposta pelo pensador Kant acerca da constituição do sujeito universal. Dessa maneira, do ponto de vista filosófico, no que tange à construção do sujeito, só existia o eixo de valor: *o eu*.

Em contraponto ao pensamento corrente, o filósofo russo propõe um segundo eixo de valor: o *outro*, que não desconsidera *o eu*, mas coloca-o em relação dialógica com *o outro*, no processo de constituição do ser. Nesse sentido, Bakhtin, revolucionariamente, nomeia esse *outro* como o fundante na constituição do ser e, sendo assim, o *outro* torna-se o eixo de valor que dá início.

Nesse contexto, o pensamento bakhtiniano propõe dois eixos de valor: *o outro* e *o eu*, sendo *o outro* o centro do valor, aquele que funda. Nesse sentido, a centralidade do *eu* no processo de constituição do sujeito é retirada e deslocada, dialogicamente, para o *outro*, deixando explícito que, na relação, em caráter de alteridade, com o *outro*, *eu* ganho existência – “quando eu olho no olho do outro eu me vejo” (BAKHTIN, 2011, p. 28).

Para além dessa compreensão, cabe acentuar que o indivíduo tem participação ativa, totalmente responsiva, com *o outro* na formação social do ser. A partir dessa concepção, compreendemos que a vida é dialógica por natureza, onde *o outro* é o construtor do *eu* (PONZIO, 2018).

No que se refere à singularidade do sujeito, Bakhtin (2010b) propõe que, tendo em vista que a existência do ser só é possível por meio do diálogo com um *outro*, este torna o sujeito como único, ir-repetível, singular. Nessa visão, a vivência do homem em sociedade é sempre mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito, onde a *responsividade* está, intrinsecamente, situada no sujeito por meio de sua valoração/avaliação de seus próprios atos, como o elemento unificador de todo o seu agir.

Nesse sentido, o *outro* individualiza o sujeito, particularmente em cada contexto situado. Nas palavras de Amorin (2016, p. 24),

O dever de pensar e a impossibilidade de não pensar são dados pela posição que ocupo em um dado contexto da vida real e concreta. Desse lugar, que somente eu ocupo, o que vejo e o que penso são da minha responsabilidade. Ninguém jamais pode pensar aquilo que eu penso. Ninguém mais pode prestar contas da minha posição e realizá-la, por isso não existe nenhum álbi para que não pense e não assumo o que penso.

Depreendemos dessas palavras que esse lugar único que o *ser eu* ocupa (por meio do *outro*) proporciona o *não-álbi*⁶ – um reposta, um *ato responsável*. “O ato é sempre consciente [...] e na sua integridade, é mais do que racional – ele é responsável” (AMORIN, 2016, p. 30). Nesse cenário, de maneira geral, o *ato*, na visão de Bakhtin (2010b), diferentemente do conceito de *ação* – movimento de caráter mecânico, instintivo, sem responsabilidade –, estabelece uma relação de responsabilidade com *outro*, de forma a exigir uma assinatura, uma

6. De acordo com Ponzio (2010, p. 20, [grifos do autor]), o termo “Não-álbi significa “sem desculpas”, “sem escapatórias”, mas também “impossibilidade de estar em outro lugar” em relação ao lugar único e singular que ocupo no existir, existindo, vivendo”.

tomada de posição em determinado contexto situacional. Dessa forma, Bakhtin (2010b, p. 80-81, [grifos do autor]) esclarece:

Somente o ato responsável supera toda hipótese, porque ele é – de um jeito inevitável, irremediável e irrevogável – a realização de uma decisão; o ato é o resultado final, uma consumada *conclusão* definitiva; concentra, correlaciona e resolve em um contexto único e singular e já final o *sentido* e o *fato*, o universal e o individual, o real e o ideal, porque tudo entra na composição de sua motivação responsável; o ato constitui o desabrochar da mera possibilidade na singularidade da escolha *uma vez por todas*.

Percebemos, assim, o ato como um gesto ético, dotado de integridade e de caráter responsivo, no qual o sujeito se revela e se responsabiliza pelo pensamento. Ainda, cabe ressaltarmos que o ato responsável é movido por uma realização concreta, contextualmente situada, que lhe é própria, em evento real singular do existir – o *existir-evento*.

Em uma perspectiva geral, à luz do pensamento de Ponzio (2018), compreendemos que a questão central – *a revolução bakhtiniana* – do cenário argumentativo de PFA é a proposição do eixo de valor *do outro*, em caráter fundante na constituição do ser relacionado, dialogicamente, com *o eu*. Nas palavras de Bakhtin (2010b, p. 155 [grifos nossos]), “o outro (que não é simplesmente outra pessoa, mas uma pessoa diferente, um outro *centro axiológico*) baliza o meu agir responsável”.

Dessa forma, a constituição do sujeito, na ótica bakhtiniana, assume consigo um conjunto de deveres e responsabilidades concretas. Logo, o ato, *singular e irrepetível*, de viver, portanto, necessita da interação com *o outro*, que irá variar de acordo com o contexto situacional e a noção entre espaço e tempo, gerando, assim, *inter-relações* que se movimentam *dialogicamente*.

Nesse sentido, essa movência dialógica carrega os seus riscos, para além de não propor álibi de fuga da *responsabilidade* de nos comprometer, até mesmo, quando tentamos a perspectiva da omissão, isto é, viver, à luz de PFA, é (inter)agir, é um ato que apenas o sujeito pode, sem álibi, executar – “o ato na sua integridade é mais que racional – é *responsável*” (BAKHTIN, 2010b, p. 80 [grifo nosso]).

2 O outro como construtor do ser

O mundo real, do conteúdo-sentido, é dado a cada sujeito do seu lugar único como um conjunto de possibilidades para a realização do ato responsável. Esse era o objeto da filosofia moral que defendia Bakhtin (2010b). Em suas discussões, o filósofo destaca que a singularidade e a unicidade do ser singularizam e unificam, valorativamente, esse mundo que lhe é dado, de modo que cada consciência participativa, em cada compreensão emotivo-volitiva do existir, do mundo, também é única e irrepetível.

O ser humano passa a ser o centro de valores contrário à noção de sujeito cartesiano de Kant, autárquico ou biologicamente determinado. Dessa forma, axiologicamente, tantos são os mundos quanto os centros valorativos nos eventos únicos e entre essas posições valorativas do mundo não há contradições, conforme nos assevera Bakhtin (2010, p. 104)

O fato é que entre as visões do mundo valorativas de cada participante singular não existem – nem devem existir – contradições; nem do interior da consciência nem, simplesmente, do lugar único de cada sujeito participante. A verdade (*pravda*) do evento não é, em seu conteúdo, uma verdade (*istina*), identicamente igual a si mesma; é, ao contrário, a única posição justa de cada participante, a verdade (*pravda*) do seu real dever concreto (BAKHTIN, 2010, p. 104).

Os posicionamentos valorativos dos sujeitos no mundo, ou seja, cada ato no existir-evento (BAKHTIN, 2010), embora único e singular, apresenta, segundo Bakhtin (2010), uma arquitetônica comum: o *eu-para-mim*, o *outro-para-mim* e o *eu-para-o-outro*. Esses momentos vividos tornam possível a valoração no mundo da vida, pois “Todos os valores e as relações espaço-temporais e de conteúdo-sentido tendem a estes momentos emotivo-volitivos centrais: eu, o outro, e eu-para-o-outro.” (Ibid, 2010, p. 115). Por isso, o lugar e o momento do ato também se tornam únicos e singulares, pois o ato, enquanto evento irrepetível, singulariza todo o contexto da ação responsável.

A constituição do *eu-para-mim* como “centro de origem do ato” destaca a responsabilidade e o meu dever no existir-evento, evidenciando minha unicidade e minha singularidade, visto que o que eu faço só pode ser feito por mim, do meu lugar. Além disso, o tom emotivo-volitivo do conteúdo-sentido se estabelece na minha relação ao outro, que integra, axiologicamente, os sentidos no evento. Sob essa ótica, o *eu* e o *outro*, como lugar de diferença que ocupam, somos responsáveis pela construção dos sentidos que, conforme Bakhtin (2010b), se constroem na diferença.

A relação entre o *eu* e o *outro* está para além da valoração de momentos do existir-evento. O próprio ser, visto pelas lentes bakhtinianas, como um ser de linguagem, portanto, um ser-evento, se constitui e é constituído pelo outro em cada existir-evento da vida real. Assim, como na elaboração dos discursos verbais, o *outro* também se faz presente na constituição do sujeito, valorando-o e sendo valorado por ele. Permanecem em constante tensão, na construção do sentido, os posicionamentos apreciativos do *eu-para-mim*, do *eu-para-o-outro* e do *outro-para-mim*, que Bakhtin (2010b) chamou de arquitetônica do ato. Assim,

O sujeito depende do outro, de seu reconhecimento, para ser visto como íntegro, para ser reconhecido, constituído. Ele só tem uma ideia mais clara de si mesmo no contato com o outro, cujas reações lhe mostram coisas sobre si mesmo a que ele não tem acesso. Ao mesmo tempo, o sujeito vê o outro como um ser completo, ser que veio a existir num dado momento que nunca mais se repete, ser que não tem igual, e, assim, mostra ao outro uma imagem do que esse outro ‘é’ enquanto ser íntegro (SOBRAL, 2009, p. 55).

É no outro que o sujeito se define e se completa, podendo, por isso, ocupar diferentes posições-sujeito a depender da situação enunciativa em que se encontra. As marcas de “objetivação” do sujeito mostram a importância de trazer elementos extra-verbais, imbricados no discurso, a fim de se obter uma melhor compreensão. Nesse sentido, é apenas na produção discursiva que os elementos extra-verbais produzem sentidos dentro de uma rede dialógica de enunciados, sem, no entanto, deixarem de pertencer ao mundo concreto.

Dessa mesma forma, o sujeito objetivado nos discursos não deixa de ser um sujeito real. Essas diferentes apreensões do sujeito e da realidade devem ser entendidas como possibilidades da linguagem, mesmo porque o discurso não consegue apreender completamente o mundo da vida e nem tão pouco o sujeito real, cada um em sua singularidade. Portanto,

Esses sujeitos, diferentes por definição, nem por isso são opostos entre si, pois se assim fosse também não poderia haver relação entre eles; eles vivem em tensão constitutiva, porque um sujeito só se vê como tal no “espelho” da visão de outros sujeitos, que por sua vez precisam um dos outros com esse mesmo fim. Logo, a relação entre sujeitos, mesmo que seja negativa, constitui os sujeitos (SOBRAL, 2009, p. 57).

Nas relações que se estabelecem entre os sujeitos, Bakhtin (2010) destaca que os atos não são apenas *responsáveis*, mas são também *responsivos*, isso significa que ao agir responsabilmente no mundo concreto, o sujeito já responde a outros atos passados ou que estão por vir, como responde ao sujeito presumido de um ato discursivo que ainda está para acontecer. Logo, *o eu* é sempre uma resposta emotivo-volitiva *ao outro* com quem se está em permanente interação, presencial ou não, real ou fictícia, para construção de sentidos.

3 Um olhar dialógico sobre a constituição dos doze apóstolos

A princípio, considerando a relevância do contexto de produção para os estudos da língua em uso, pelo prisma do pensamento bakhtiniano, temos como foco inicial de análise situar o contexto de produção no qual os apóstolos foram constituídos, sob duas perspectivas, a saber: o cronotopo e os sujeitos da enunciação da narrativa do texto bíblico em destaque.

De acordo com o pensamento de Sobral (2009, p. 54 [grifos nossos]), no que tange ao processo de constituição do ser, o sujeito “*é essencialmente um agente responsável pelo que faz*, agente que, em suas relações sociais e históricas com outros sujeitos igualmente responsáveis (inclusive apesar de si mesmos), constitui a própria sociedade sem a qual ele mesmo não existe”. Logo, sujeito constitui um agente mediador entre os sentidos socialmente possíveis e os discursos produzidos em situações concretas.

Assim,

Eu posso cumprir um ato político e um rito religioso na qualidade de representante, mas se trata já de uma ação especial que pressupõe

que eu tenha a autorização para realizá-la; mas nem neste caso eu abduco definitivamente da minha responsabilidade pessoal; ao contrário, o meu papel representativo, o poder pelo qual fui autorizado, levam-no em conta (BAKHTIN, 2012, p. 112).

Essa responsabilidade pessoal de que nos fala Bakhtin é constituída de nossas relações dialógicas, de cada ser humano, em sua singularidade, com suas virtudes e fraquezas, assumidas no contexto real do existir-evento. O ato singular, único, concreto e irrepitível registra a responsabilidade do sujeito no mundo concreto, como ocorreu com Jesus no cumprimento da missão designada por seu Pai Celestial, Deus⁷.

Nessa linha de pensamento, é fundante destacar que Jesus elege o seu apostolado por ter sido, anteriormente, autorizado por Deus. Essa legitimação que torna o Cristo habilitado a assumir, na terra, o ato responsável e responsivo de ser o Filho – “[...] assim como o *Pai* tem vida em si mesmo, assim também deu ele *ao Filho* ter vida em si mesmo. Ele lhe deu autoridade para julgar, porque é filho do homem.” (JOÃO 5.26-27 [grifos nossos]) – e, concomitantemente,

7. Acentuamos que, como dito anteriormente, o projeto bakhtiniano em PFA, de modo geral, tem como viés norteador promover uma *prima filosofia* – a partir da concepção da unicidade do *ser* e do *evento*, bem como a noção de *responsividade* do sujeito –, que estabeleça uma relação dialógica entre a filosofia com a vida. Para tanto, dentre outros conceitos, Bakhtin amplia os horizontes da Análise Dialógica do Discurso, lançando mão de 03 dimensões do ser, a saber: *Ética* – relacionado à vida e à cultura; *Estética* – abarcada pela arte e a *Cognitiva* – direcionada a ciência e a cognição. Nesse sentido, cabe ressaltarmos que, quando nos remetemos a *Deus*, nesse estudo, como testemunha que autoriza, socialmente, Jesus na constituição dos doze apóstolos, trazemos à baía da discussão um ser *extra-ético*, que está para além do humano e que, dessa forma, faz parte da dimensão do simbólico (do não ordinário). Nesses termos, Deus é estabelecido pela religião cristã como um ser estético que transcende o ético, ou seja, que transcende a esfera humana. Portanto, do ponto de vista teológico, ao acentuarmos *Deus*, estamos nos direcionando para a entidade sobrenatural, criadora do universo e de todos os seus seres vivos, venerada pela comunidade judaico-cristã do século I.

o próprio Deus encarnado – “Eu [Jesus] e o Pai somos um” (JOÃO 10.30 [acréscimo nosso]) e “[...] para que conheçais e acrediteis que o Pai está em mim e eu nele” (JOÃO 10.38).

Em se tratando do cronotopo, o tempo e o espaço, por onde ocorreu o evento da *constituição dos apóstolos* também se constituem únicos e singulares, “[...] individuados e incorporados como momentos de uma unicidade concreta e valorada” (BAKHTIN, 2011, p. 121).

Assim, tendo por base o pensamento bakhtiniano, compreendemos esse evento como único e irrepetível, no qual *os atos*, nele acentuados, são promovidos por meio da singularidade, alteridade e responsividade.

O caminho trilhado por Bakhtin é, portanto, o de compreender o evento único (irrepetível) do ser no seu ato executado, por meio dos pilares da singularidade, da responsabilidade e da alteridade; e, para tanto, afirma a relevância de uma filosofia primeira, uma filosofia moral – ética –, que observe a auto-atividade do dever-ser na participação única do ser.

Nesse sentido, no que se refere ao aspecto cronotópico em que se desenvolveu a narrativa da constituição dos doze apóstolos, compreendemos uma relação dialógica entre os livros bíblicos do Antigo e do Novo Testamentos. Portanto, o conhecimento do espaço da narrativa é um dos elementos metodológicos postulados por Bakhtin, uma vez que a sua concepção propicia ao analista compreender as oscilações discursivas que materializam nomeações, valorações, pontos de vista.

No que toca aos sujeitos da enunciação, consideramos os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, pois estes constituem-se autores dos livros bíblicos aqui estudados onde ocorre o evento da constituição dos doze apóstolos. Mateus, cujo nome significa *dádiva do Senhor*

(STOTT, 2011), foi um dos doze apóstolos de Jesus. Rico republicano que, antes de sua conversão religiosa, exercia a profissão de cobrador de impostos⁸ do povo hebreu durante o período da dominação do Império Romano, na cidade israelita de Cafarnaum. Ainda, de acordo com Loyd-Jones (2017), este evangelho foi escrito em meados do ano 50 d.C., em língua grega, na região da Palestina, tendo, por base, embora sendo testemunha ocular do evento em destaque, o Evangelho de Marcos.

Já acerca de Marcos, conforme Stott (2011), trata-se de um historiador e teólogo, de origem hebraica, da tribo de Levi, discípulo de Pedro e fundador da igreja de Alexandria. O evangelho que lhe é atribuído constitui-se como um texto breve (16 capítulos) – escrito em língua grega com inúmeras expressões aramaicas entre 65-67 d.C., durante a perseguição de Nero – destinados à igreja de Roma, ricos em detalhes, marcados pela descrição de um ministério ativo, realizado por Jesus, considerado com “o Evangelho da Ação”. Podemos perceber que os escritos de Marcos possuem relações dialógicas com os sermões de Pedro, uma vez que após a morte de Paulo, eles passaram a trabalhar e pregar o evangelho juntos – “Marcos, meu filho”⁹ (1Pe 5.13).

Cabe destacarmos que o Evangelho de Marcos, de acordo com Geisler (2011), trata-se de um livro anônimo¹⁰, isto é, em determinados fragmentos desse livro encontramos referência ao nome do seu autor,

8. Mt 9.9 – “[...] saindo daí, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletaria de impostos, e lhe disse”: “siga-me! Ele se levantou e seguiu Jesus.”

9. Do ponto de vista da nomeação “filho”, Nicomedus (2014) nos esclarece que era comum entre os judeus, especificamente, entre os rabinos, chamar os seus discípulos de filhos, como também os discípulos se dirigirem aos seus mestres, como “pai”.

10. Na ótica de Stott (2011), o autor desse evangelho não colocou sua assinatura em sua obra, pois refere-se a um livro que foi encomendado de forma direta a Marcos (que era muito conhecido por seus leitores). Para além de, nesse contexto de produção da história literária cristã, não era costume entre os escritores pôr o seu nome como título do livro.

muitas vezes por meio de evidências internas (indicações de sua autoria no próprio texto) e externas (testemunhos externos ao texto).

No que se refere a Lucas, tendo por base os estudos do teólogo Loyd-Jones (2017), era considerado um renomado e culto historiador cristão do primeiro século. Ainda, lhes é atribuída à profissão de médico e de discípulo/colaborador¹¹ do apóstolo Paulo em grande parte de suas viagens missionárias, sendo ele – Lucas – o responsável por tratar das inúmeras enfermidades do evangelista. Segundo esse estudioso, o Evangelho de Lucas fora escrito em grego, em Antioquia, direcionado para os gentios¹² por volta de ano 80 d.C.. Vale, também, destacarmos que é creditado a Lucas a escrita do livro de Atos dos Apóstolos, como uma continuação de seu Evangelho, endereçado, especificamente, para um homem chamado Teófilo.

Com esse fito, elegemos três fragmentos que ilustram, sintético e sinoticamente, os nossos interesses metodológicos em descrever, pelo viés da compreensão dialógica, a constituição dos doze apóstolos por meio do *Outro* (Jesus)¹³ e por meio do seu auditório social.

Cabe ressaltarmos que os fragmentos apresentados a seguir fazem parte de um conjunto maior, não podendo ser entendidos de forma isolada, visto que, como uma unidade discursiva, articulam-se, organicamente, como fios que engendram um mesmo tecido, funcionando como fragmentos reveladores que preenchem as ne-

11. 2Tm 4.10-11 – “[...] Porque Demas me desamparou, amando o presente século, e foi para Tessalônica, Crescente para Galácia, Tito para Dalmácia. *Só Lucas está comigo*. At 28. 12-16 – “Aportando em Siracusa, ficamos ali três dias. Dalí partimos e chegamos a Régio [...] E depois fomos para Roma. [...] Quando chegamos a Roma, Paulo recebeu permissão para morar por conta própria, sob custódia de um soldados.”

12. A expressão *gentio* é mobilizada para traduzir a palavra hebraica *goyim* ou *gojím* (singular - goj יג, plural- בײג) que aponta que o sujeito não é judeu ou israelita. Dessa forma, os gentios eram considerados o povo que não era judeu (MCDOWELL, 2013).

13. Nesse artigo, elegemos a inscrição do Outro em maiúsculo quando referir-se a Jesus.

cessidades pontuais dessa nossa pesquisa. Com isso, apontamos que esta fragmentação foi mobilizada apenas para fins de análise.

3.1 A constituição dos doze apóstolos por meio do *outro*

Nesse momento, apresentaremos os fragmentos que compõem o *corpus* desse artigo. A seguir, vejamos o **Fragmento 01**.

Fragmento 01		
Mt 4. 18-22	Mc 1.16-20	Lc 5. 8-11
<p>¹⁸Andando à beira do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André. Eles estavam lançando redes ao mar, pois eram pescadores.</p> <p>¹⁹E disse Jesus: “Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens”.</p> <p>²⁰No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o seguiram.</p> <p>²¹Indo adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão. Eles estavam num barco com seu pai, Zebedeu, preparando as suas redes. Jesus os chamou,</p> <p>²²e eles, deixando imediatamente seu pai e o barco, o seguiram.</p>	<p>¹⁶Andando à beira do mar da Galileia, Jesus viu Simão e seu irmão André lançando redes ao mar, pois eram pescadores.</p> <p>¹⁷E disse Jesus: “Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens”.</p> <p>¹⁸No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o seguiram.</p> <p>¹⁹Indo um pouco mais adiante, viu num barco Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, preparando as suas redes.</p> <p>²⁰Logo os chamou, e eles o seguiram, deixando seu pai, Zebedeu, com os empregados no barco.</p>	<p>⁸Quando Simão Pedro viu isso, prostrou-se aos pés de Jesus e disse: “Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador!”</p> <p>⁹Pois ele e todos os seus companheiros estavam perplexos com a pesca que haviam feito, ¹⁰como também Tiago e João, os filhos de Zebedeu, sócios de Simão. Jesus disse a Simão: “Não tenha medo; de agora em diante você será pescador de homens”.</p> <p>¹¹Eles então arrastaram seus barcos para a praia, deixaram tudo e o seguiram.</p>

Como vimos, os discursos do **Fragmento 01** trazem enunciações que remetem o interlocutor ao contexto sócio-histórico situado, *relativamente estável* e prenhe de sentidos dialógicos, convocados com finalidades discursivas determinadas, a saber: a primeira convocação, em caráter pessoal, dos apóstolos.

Nesse fragmento, pudemos compreender que os sujeitos da enunciação, Mateus, Marcos e Lucas, ao reportarem o discurso proferido por Jesus, respectivamente – “[...] *sigam-me, e eu os farei **pescadores de homens***. (Versículo 19), “[...] *sigam-me, e eu os farei **pescadores de homens***. (Versículo 18), “[...] *Não tenha medo; de agora em diante você será **pescador de homens***” (Versículo 10) – para além de se dirigirem a *destinatários imediatos* (os doze homens que estavam, no momento dessa interação, sendo constituídos apóstolos), “cuja presença é percebida mais ou menos conscientemente” (FORIN, 2016, p. 31), também apontam, dialogicamente, para um *superdestinatário* (os adeptos ao cristianismo), “cuja compreensão responsiva, vista sempre como correta, é determinante da produção discursiva” (*op. cit.*).

De acordo com Nicodemos (2014), os doze apóstolos foram levantados por Deus, encarnado no sujeito Jesus, a fim de serem modelos de conduta e de liderança para a igreja cristã durante a transição da *antiga* (período do Velho Testamento) para a *nova aliança* (época atual), além de estabelecerem um dos fundamentos, de modo geral, da orientação cristã – transmitir o evangelho a todos, fazer discípulos: “*Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura*” (Marcos 16.15, [grifos nossos]).

Dessa maneira, parece-nos que a constituição, de forma convocatória, dos apóstolos ultrapassou, cronotopicamente, o contexto de sua enunciação, perpassando esse chamamento para todos os segui-

dores do cristianismo: pregar o evangelho para todos. Assim, nessa ótica, entendemos o *superdestinatário* (FIORIN, 2016) nessa interação discursiva como os cristãos, de modo geral – os replicadores do evangelho.

Sob esse prisma, compreendemos o enunciado concreto “pecador de homens” como replicador/multiplicador da palavra, bem como o sentido de constituir o dever maior do apostolado – resgatar almas (homens).

Dando continuidade ao movimento analítico, convocamos o próximo fragmento que aborda a constituição do papel social, de caráter eletivo, dos doze apóstolos.

Fragmento 02	
Lc 6. 12-16	Mt 10.1-08
<p>¹²Num daqueles dias, Jesus saiu para o monte a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. ¹³Ao amanhecer, chamou seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também designou apóstolos: ¹⁴Simão, a quem deu o nome de Pedro; seu irmão André; Tiago; João; Filipe; Bartolomeu; ¹⁵mateus; Tomé; Tiago, filho de Alfeu; Simão, chamado zelote; ¹⁶Judas, filho de Tiago; e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor.</p>	<p>E, chamando os seus doze discípulos, deu-lhes autoridade para os expulsarem os espíritos imundos, e para curar todas as doenças e enfermidades. ²Estes são os nomes dos doze apóstolos: O primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; ³Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Lebeu, apelidado Tadeu; ⁴Simão, o Cananita, e Judas Iscariotes, aquele que o traiu. ⁵Jesus enviou os doze, com as seguintes instruções: Não se dirijam aos gentios, nem entrem em cidade algumas dos samaritanos; ⁶Antes dirijam-se as ovelhas perdidas de Israel; ⁷Por onde forem puguem essa mensagem: o reino dos céus está próximo. ⁸Curem os enfermos, purifiquem os leprosos, ressuscitem os mortos, expulsam os demônios; vocês receberam de graça, dêem também de graça.</p>

No **Fragmento 02**, podemos ver, por meio da autorização de Jesus, em Mateus – “Ao amanhecer, **chamou** seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também **designou** apóstolos” (Versículo 13) –, bem como em Lucas – “**deu-lhes autoridade** [...]”, “[...] **enviou** os doze, com as seguintes **instruções** [...]” (Versículos 1 e 5) –, a constituição do papel social a ser desempenhado pelos doze apóstolos (ou escolhidos), no sentido de habilitá-los para um exercício (ou prática) social específico – o apostolado.

Tendo por base a teoria bakhtiniana, compreendemos essa *habilitação* singular atribuída aos apóstolos, por Jesus, como um *ato responsável*, no sentido de dar *um passo*, de realizar (axiologicamente) *uma escolha*, de promover *tomada de posição*, ou ainda, como acentua o Ponzio (2010b, p. 10), de mobilizar

um ato, de pensamento, de sentimento, de desejo, de fala, de ação, que é intencional, e que caracteriza a singularidade, a peculiaridade, o monograma de cada um, em sua unicidade, em sua impossibilidade de ser substituído, em seu dever responder, responsabilmente, a partir do lugar que ocupa, sem *álibi* e sem exceção.

Já no que se diz respeito ao enunciado contido em Lucas, por meio do discurso citado de Jesus – “[...] a quem também **designou apóstolos**” (Versículo 13) –, em que há um processo de nomeação dos doze apóstolos, verificamos o aroma semântico de “enviados”, no sentido de *representação autorizada*. Com base em McDowell (2013), esse termo (apóstolo) era acentuado dentro da tradição do judaísmo antigo no sentido de representação autorizada a proclamar a chegada do reino vindouro e fundar comunidades religiosas.

Essa relação dialógica, em destaque, aproxima-nos da compreensão bakhtiniana de *ecos de ressonâncias de enunciados dialógi-*

cos, uma vez que esse enunciado convoca sentidos historicamente já proferidos – termo comumente mobilizado pelos reis judeus no contexto do Antigo Oriente – sendo que, desta feita, adquirindo “um sentido e valor a partir do lugar único do singular, do seu reconhecimento, na base do seu “não-álibi no existir”” (PONZIO, 2010, p. 20, [grifos do autor]). Isto é, esse enunciado, fora (re)elaborado, (re)valorado e (re)acentuado, discursivamente, de acordo o tom emotivo-volitivo de Lucas, nesse novo lugar espaço-temporal situado.

Nesse sentido, na visão de Bakhtin, os enunciados concretos – relativamente emoldurados no social em auditórios dialógicos – são embebidos de ideologias e *valorações situadas*, elencadas em função do propósito comunicativo do sujeito, refletindo, assim, a noção de *eventicidade do enunciado* no discurso – o caráter único e singular de toda e qualquer interação discursiva, “o enunciado (ou parte do enunciado) [...], mesmo a de uma só palavra, jamais pode repetir-se: é sempre um novo enunciado [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 313).

Dessa forma, essa atualização do enunciado da constituição dos apóstolos (Lc 6.13) corrobora o pensamento bakhtiniano de que o enunciado está sempre em ligação com outros já existentes: eis uma das principais características que o define como *dialógico*, como esclarece Bakhtin (2011, p. 371 [grifos nossos]): *Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado*”.

Ainda sobre o **Fragmento 02**, constatamos que os enunciadores Lucas – “*Simão, a quem deu o nome de Pedro; seu irmão André; Tiago; João; Filipe; Bartolomeu; Mateus; Tomé; Tiago, filho de Alfeu; Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago; e Judas Iscariotes, que veio a ser o traidor*” (Versículo 14-16) – e Mateus –

“ [...] *Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; ³Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Lebeu, apelidado Tadeu; ⁴ Simão, o Cananita, e Judas Iscariotes, aquele que o traiu*” (Versículo 2-4) –, ao se reportarem, dialogicamente, a Jesus, acentuam a constituição dos apóstolos em sentido nominal, a fim de demonstrarem a nomeação eletiva realizada por Jesus no evento da constituição do Seu apostolado.

Nesse cenário, de acordo com Bakhtin (2010b), essa nomeação mobilizada por Jesus assume uma postura de *singularizar os apóstolos*, chamando-os pelo nome, tornando-os, portanto, sujeitos irrepetíveis, garantindo, desse modo, a singularidade dos doze, dentro do espaço narrativo saturado pelos discursos de *outrem*. No sentido de enfatizar este aspecto, parafraseando as palavras de Faraco (2003), acentuamos que o sujeito tem, dessa maneira, a possibilidade de singularizar-se por meio da atualização, em caráter de alteridade, na interação viva com as vozes sociais.

Nesse momento, passamos a refletir acerca da constituição dos doze apóstolos por meio do *outro* – as multidões (auditório social dos apóstolos) tendo como exemplo o reconhecimento do auditório social do apóstolo Filipe, no **Fragmento 03**.

Fragmento 03

At 8.5-8

⁵E, descendo Filipe à cidade de Samaria lhes pregava a Cristo. ⁶**E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam os sinais que ele fazia;** ⁷Pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados. ⁸E havia grande alegria naquela cidade.

Como podemos observar na cena narrada, no **Fragmento 03**, a autorização social, dos apóstolos, realizada por Jesus, é reconhecida pelo auditório social de Filipe, um dos doze. Dessa forma, trata-se de uma constituição mútua, na qual o seu processo leva em consideração o discurso de *Outrem* (Jesus), ou seja, a singularidade desse ato enunciativo deu-se numa instância, complexa e amplamente saturada, fortemente acentuada pelo tom valorativo expresso *por outrem*.

Portanto, esse fragmento reforça a concepção bakhtiniana de que *o outro* (as multidões) constitui *o outro* (Filipe) enquanto um apóstolo nomeado pelo Outro (Jesus), demonstrando que as relações interpessoais que convocam o que podemos denominar de *encadeamentos de outros*.

Nessa linha de pensamento, toda constituição, nomeada pelo indivíduo, está preñe de discursos de *outrem* e, simultaneamente, é concretizada e absorvida para *os outros* e *pelos outros*, ou seja, o discurso está sempre recoberto de uma complexa dialogicidade, tanto de quem o constitui como de quem o está interpretando, como podemos confirmar nas letras de Bakhtin (2002, p. 139):

em todos os domínios da vida e da criação ideológica, nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas, com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade. [...] fala-se no cotidiano sobretudo a respeito daquilo que os outros dizem – transmitem-se, evocam-se, ponderam-se, ou julgam-se as palavras dos outros, as opiniões, as declarações, as informações, indigna-se ou concorda-se com elas, discorda-se delas, refere-se a elas, etc.

Assim, entendemos, nessa linha de pensamento, que *O Outro* (Jesus) está impregnado pelo processo de enunciação *do outro* (Filipe), uma vez que o enunciado é carregado de outros enunciados, de fios

dialógicos já existentes. Trata-se, de certa forma, de uma resposta a um *já dito* sobre determinado tópico: eis um fenômeno comum a todo discurso.

Lemos que essa noção de *encadeamentos dos outros* comunga, de certa forma, com o viés norteador de PFA – o sujeito, eu, se constitui à medida que vai ao encontro do outro, ou seja, o outro é imprescindível na construção do eu. Daí, a conclusão de que a constituição do ser, bem como a linguagem, deve ser percebida a partir de uma concepção dialógica. Com isso, fica explícito que é a partir das relações dialógicas, manifestadas nas diversas práticas históricas de interação e de usos da linguagem, que o sujeito se constitui e constitui o *outro* – “ser significa comunicar-se dialogicamente. Quando o diálogo termina, tudo termina.” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 108).

À luz dessa perspectiva, o dialogismo constrói a imagem do sujeito num processo de comunicação interativa, no qual o *eu* é visto e reconhecido por meio do *outro*, na imagem que o outro faz deste *eu*. Nesse sentido, o *outro* se projeta em mim e *eu* me projeto no *outro*, nossa comunicação dialógica requer que nossos reflexos projetem-se um no *outro*, e que afirmemos um para o outro a existência de multiplicidades de *eu*.

Ainda, para além de percebermos o reconhecimento da constituição dos apóstolos por meio do *outro* (as multidões, no **Fragmento 03**, como auditório social), compreendemos, de fato, a habilitação do apostolado do discípulo Filipe, durante a realização de seu papel social (de seus atos) – “*Pois que os **espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos **paralíticos e coxos eram curados*****” (Versículo 7) –, seguindo um direcionamento orquestrado por Jesus (**Fragmento 02**), no momento da habilitação de seu apostolado, no discurso de Mateus – “**Curem**

os enfermos, purifiquem os leprosos, ressuscitem os mortos, expulsem os demônios; vocês receberam de graça, dêem também de graça” (Versículo 8).

Filipe, assim, assume a sua singularidade, estabelece sua participação singular e irrepetível nesse existir-evento e, desse modo, promove um gesto ético de responsabilidade, isto é, toma sua posição axiológica em um contexto específico, “posiciona-se frente a valores” (FARACO, 2010, p. 153). Portanto, lemos os atos promovidos por Filipe como atos de compreensões responsáveis e responsivas.

Considerações finais

No que se refere aos resultados, à cena da constituição dos doze apóstolos situa-se como uma narrativa discursiva fecunda em recorrências dialógicas, o que nos permitir afirmar que a construção enunciativa mobilizada neste episódio bíblico está, dialógico-discursivamente, imbricada com os *encadeamentos enunciativos dos outros* – Jesus (autorizado, socialmente por Deus) e as multidões.

Em relação ao objetivo assumido – realizar um estudo que se debruça sob a constituição dos doze apóstolos, isto é, como eles foram habilitados a exercerem, socialmente, o papel do apostolado, a partir do olhar para as relações dialógicas presentes em fragmentos do texto bíblico que acentuam essa constituição, sob o ângulo axiológico dos autores sinóticos Mateus (Mt), Lucas (Lc) e Marcos (Mc) –, concluímos que, de modo geral, a constituição dos apóstolos, como apresenta nossa análise, foi atravessada pela noção de *encadeamentos enunciativos dos outros* como estratégias discursivas empreendidas, especificamente, pelos evangelistas em destaque.

Assim, esse *encadeamento dos outros*, no texto, pode ser percebido através de dois ângulos: por Jesus – autorizado socialmente por Deus – e pelo auditório social – as multidões que legitimavam tal constituição. Destarte, pudemos perceber, a partir do olhar para o *corpus*, que essa constituição apontou, dialogicamente, para *destinatários imediatos* (os doze apóstolos) e *superdestinatários* (a comunidade cristã), bem como foram vislumbradas relações dialógicas (referentes ao Antigo Testamento e tradições rabínicas) do enunciado da constituição e da nomeação em caráter eletivo.

Referências

AMORIM, Marília. *Para uma filosofia do ato*: “valido e inserido no contexto”. In: Brait, Beth (Org.). Bakhtin, dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2016. p. 17-43.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária; O discurso no romance. In.: _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 2002, p. 13-210.

_____. *Arte e responsabilidade*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

Para uma filosofia do ato responsável. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 2.ed. São Carlos, SP: Pedro e João, 2010b.

_____. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Questões de estilística no ensino da língua*. Tradução de Sheila Grillo. São Paulo: 34, 2013.

_____. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução da Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Editora Vida Nova, 2012.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. O sétimo momento: deixando o passado para trás. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARACO, Carlos. Alberto. Um posfácio meio impertinente. In: Bakhtin, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos, SP: Pedro e João, 2010, p. 147-158.

_____. Criação ideológica e dialogismo. In: _____. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003, p. 45-85.

GEISLER, Normam; NIX, Willian. *Introdução Bíblica: como a bíblia chegou até nós*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 2011.

LEITE, Francisco Benedito. A utilização do método socioideológico para estudos em ciências da religião e em teologia. In: *Linguagem, discurso e religião: diálogos e interfaces*. São Carlos, SP: Pedro & João, 2017.

MACARTHUR, John. *As parábolas de Jesus*. Tradução de Markus Heidegger. Rio de Janeiro: Luz e Vida, 2016.

MCDOWELL, Josh. *Novas evidências que demandam um veredito: Evidência I e II*. Tradução de Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Agnus, 2013.

NICODEMUS, Augustos. *Cristianismo descomplicado: questões difíceis da vida cristã de um jeito fácil de entender*. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

PONZIO, Augusto. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: Bakhtin, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de

Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos, SP: Pedro e João, 2010, p. 09-40.

_____. *A revolução bakhitiana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Tradução de Valdemir Miotello. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOBRAL, Adail. O conceito de ato ético de Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito. In: *Revista Bioethikos /Centro Universitário São Camilo – São Paulo*. v. 3. n. 1. (jan./jun.2 009), p. 121-126.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

_____. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica (1926). In.: _____. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos, SP: Pedro & João, 2013.